

O tesouro da **Zona** **Proibida**

Incríveis pedras preciosas
escondem-se sob a força das ondas
e toneladas de areia
da Costa do Diamante, na África

Por JOHN DYSON



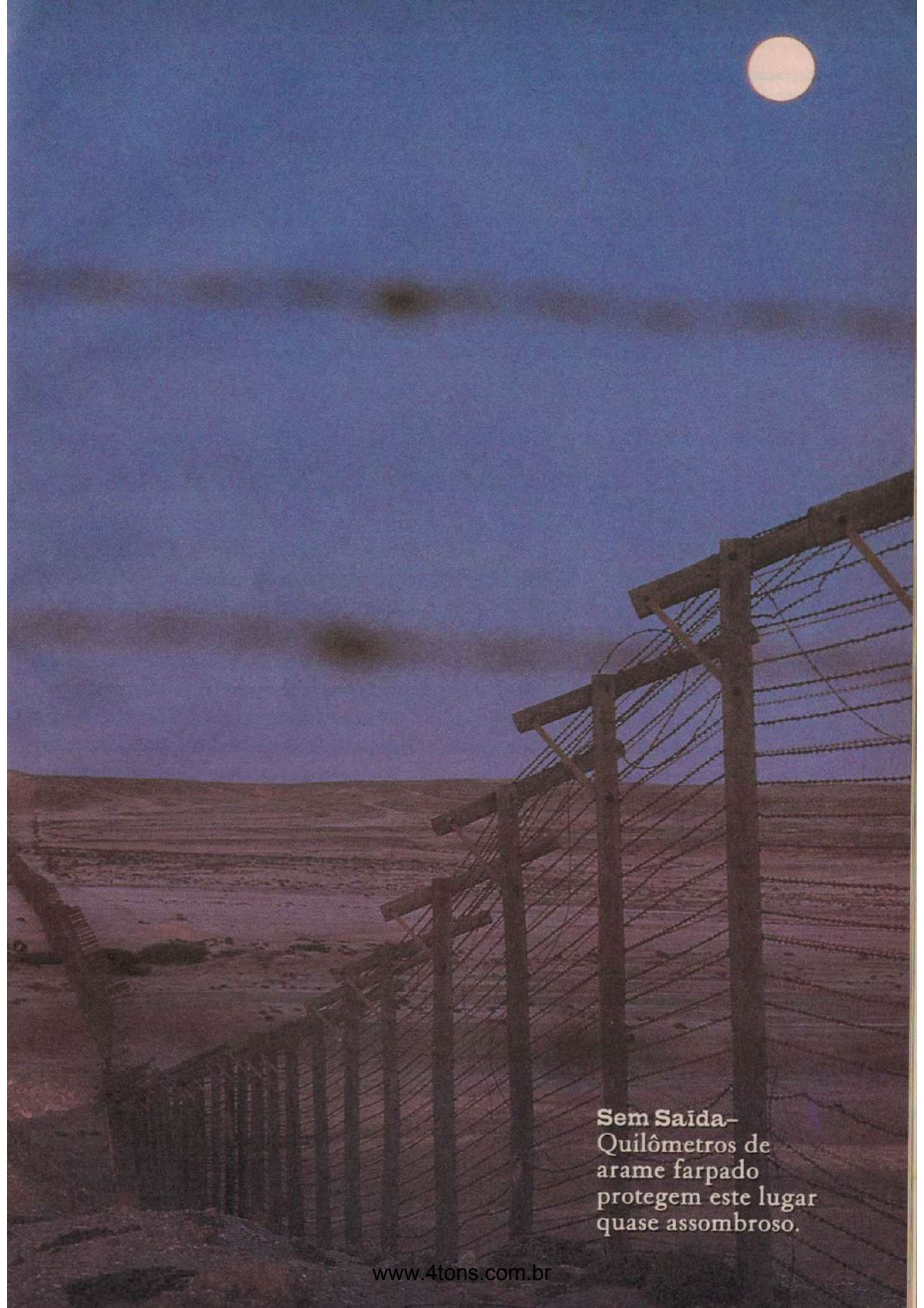
A PEDRA NÃO lapidada brilhava contra a luz. Do tamanho da parte superior do meu polegar, o diamante perfeito, de 30,4 quilates, tinha etiqueta com preço de meio milhão de dólares.

— Muitas das maiores e mais belas pedras preciosas vêm da Costa do Diamante — explicou o vendedor. — Mas é quase impossível chegar lá. O lugar é trancado a sete chaves.

A lendária costa no sudoeste da África ficava a enorme distância da elegante sala de mostruário, em Londres, mas ainda assim a idéia de visitá-la era irresistível. Foram necessá-

rios meses de agrados até conseguir um convite. Mas finalmente lá estava eu, sobrevoando a Namíbia a bordo de um pequeno avião e olhando a paisagem assombrosa — uma costa cor-de-rosa e prateada, orlada pelo esfumaçado das ondas, estendendo-se por mais de 300 quilômetros até perder-se na curva do horizonte.

Desde a primeira descoberta de diamantes aqui, o lugar se transformou em lenda. Foi em 1908 que um operário de uma via férrea da então colônia alemã parou para apanhar pedras junto à linha do trem. E percebeu imediatamente o que havia descoberto.



Sem Saída—
Quilômetros de
arame farpado
protegem este lugar
quase assombroso.

Em pouco tempo, a notícia chegava à Berlim imperial. A Alemanha imediatamente declarou a área *Das Sperrgebiet* – a Zona Proibida.

Depois da 1ª Guerra Mundial, um grupo liderado por Ernest Oppenheimer se interessou pelo negócio. Oppenheimer mais tarde se tornaria presidente da De Beers, gigante da mineração. Então a área passou a ser patrulhada por seguranças montados em camelos e todas as pessoas eram despidas e revistas antes de saírem de lá. Atualmente, o Namdeb – consórcio formado pela De Beers e o governo da Namíbia – faz a mineração na Costa do Diamante. A segurança é mais rígida do que nunca.

Na vila operária de Oranjemund, 4 mil trabalhadores e suas famílias vivem numa espécie de oásis, com seus bangalôs brancos e limpos. Lá, eu podia me afastar até o campo de golfe ou passear por uma praia estreita. Poucos metros adiante, porém, em todas as direções, havia cartazes em cercas de arame enferrujado com a severa advertência em quatro línguas: *Atenção: não entre sem permissão*. Para entrar naquela zona, tive de ser escoltado pelo geólogo-chefe, Michael Lain, inglês simpático e corpulento de 50 anos.

Do outro lado da cerca

A VESTRUZES ASSUSTADAS passavam correndo à nossa frente à medida que a caminhonete de Lain seguia pela planície de chão de cascalho, serpenteando entre os ar-

bustos rasteiros batidos por ventos incessantes, os piores de toda a África. Seguida por chacais em busca de restos, uma enorme hiena marrom espantou um lobo, que tocava focas, sobre as pedras batidas pelo mar. Os vidros das janelas das casas abandonadas pelos alemães estavam foscos por causa das tempestades de areia.

Enquanto seguíamos pela estrada suja, Lain ia explicando que as pedras da Costa do Diamante tinham surgido no final de uma jornada geológica que começara há pelo menos 2,8 bilhões de anos, mais da metade da idade do próprio planeta. Contornando com agilidade uma duna gigantesca, Lain estacionou a caminhonete de frente para outra cerca. Esta era bem diferente, porém, das cercas baixas de arame da primeira barreira.

Duas fileiras paralelas de arame farpado estendiam-se pelo deserto até se perderem de vista, em ambas as direções. A maior parte da terra de ninguém entre as duas fileiras, um espaço de quase cem metros de largura, era aplainada por pneus arrastados atrás de caminhões, para que eventuais pegadas fossem visíveis. A área era também varrida dia e noite por câmeras de infravermelho, sensores, radares e patrulhas armadas.

Por trás da cerca havia uma faixa de areia de quase cem quilômetros de comprimento por cinco de largura, a Área de Mineração N° 1.

– Aí estão seus diamantes – disse Lain, sorrindo. – Agora só falta você



encontrá-los. E atravessar a cerca com eles.

Na guarita baixa de concreto junto ao portão, fui avisado de que tudo o que atravessa a cerca permanece do lado de lá. Para sempre.

Remédios ou filmes em meus bolsos, por exemplo, seriam confiscados. Os veículos são examinados milímetro por milímetro e muitas vezes abandonados, porque procurar possíveis diamantes escondidos neles acaba saindo caro demais. Existem hoje mais de mil veículos abandonados dentro da Zona Proibida.

Envolta por uma névoa fria, úmida e viscosa, a Área de Diamantes Nº 1 era algo surrealista – um mundo sujo, barulhento, sombrio, habitado por monstruosas máquinas de mineração com motores ruidosos, faróis acesos e luzes de alerta piscando. Montes de entulho despontavam como se fossem pirâmides egípcias

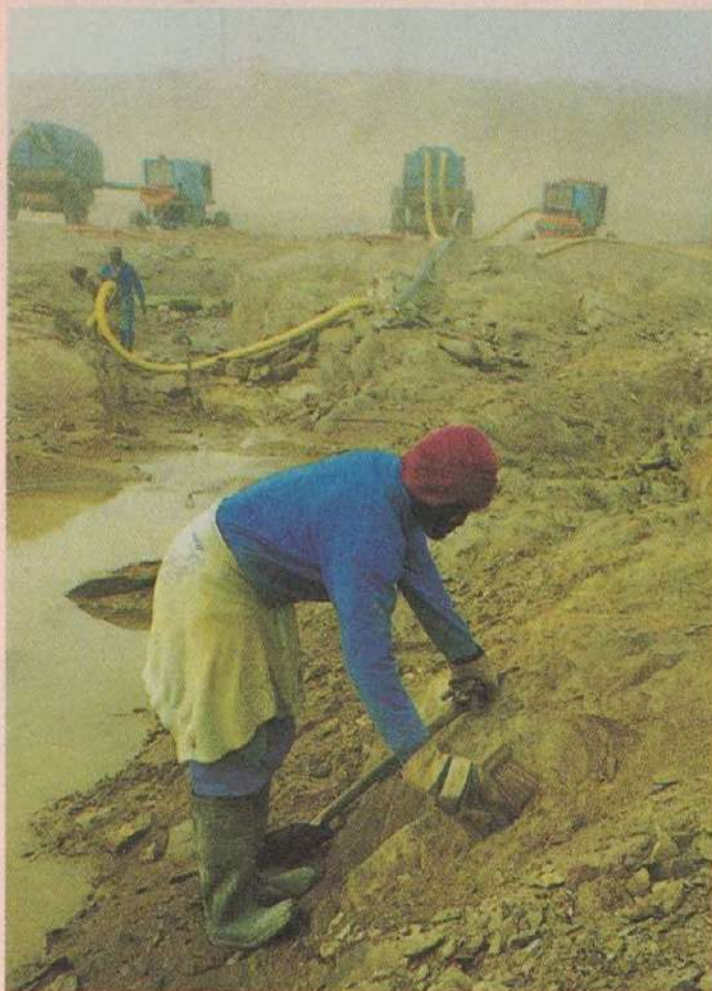
Abandono– Quando um veículo entra na Zona Proibida, pode ficar lá para sempre.

em meio à neblina formada pela maresia. Trituradores jogaram areia e poeira em meu rosto.

Descobrir um diamante em meio a essa selvageria industrial seria um milagre, mas não pude deixar de olhar.

– Não perca seu tempo – disse Desi Ashipali, engenheiro namíbio e meu guia. – Nos meus 12 anos aqui, nunca vi um diamante que já não estivesse no dedo de alguém.

Quando a Costa do Diamante foi descoberta, fileiras de homens se arrastavam de barriga no chão, apanhando diamantes com pinças. Eram amordaçados para evitar que enfiassem pedras na boca em vez de colocá-las nas bolsas que levavam ao redor do pescoço. Mas esses dias já vão longe. Atualmente, os diamantes que



Altíssima Qualidade— Na Costa do Diamante, trabalhadores procuram as pedras mais puras do mundo.

restam estão nos últimos centímetros da camada de dois ou mais metros de cascalho que recobre o leito de rocha firme. Mas o cascalho é coberto por mais 18 metros de areia fofa.

— Retirar essa areia para chegar ao cascalho é uma das maiores operações de remoção de solo em todo o mundo — explicou Ashipali.

Engenhosamente, a areia é utilizada para construir imensos diques, de forma a manter o mar a distância, permitindo assim que uma extensão de mais 200 metros do leito de pedra seja explorada. Todos os dias, uma frota de 336 caminhões, escavadei-

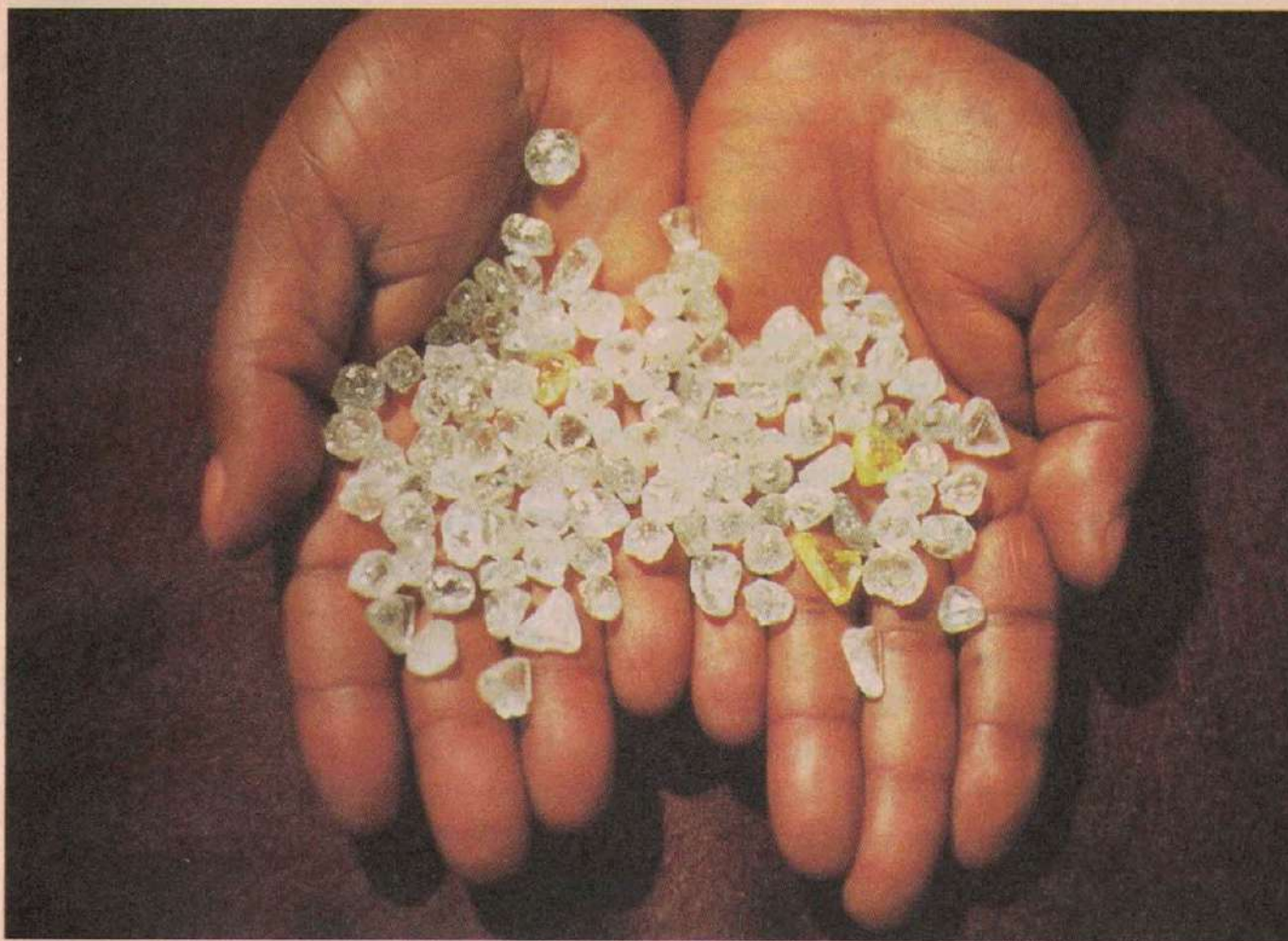
ras, tratores, trituradores e britadeiras é usada para deslocar 140 mil toneladas de areia. Empilhada num campo de futebol, a areia retirada no período de um ano seria suficiente para erguer uma montanha de 4 mil metros de altura. No mesmo período, 21 milhões de toneladas de cascalho são escavados e levados em caminhões para usinas de trituração e recuperação.

A Costa do Diamante tem o menor índice de aproveitamento entre as minas do mundo: 3,7 quilates para cada cem toneladas de cascalho. Mas as pedras, de altíssima qualidade, valem 315 dólares o quilate, contra apenas 8 dólares o quilate para as pedras encontradas em Argyle, na Austrália, a maior mina de diamantes do mundo (veja artigo publicado em Seleções de março de 1998).

Detetives de diamantes

OS DIAMANTES estão sempre tentando as pessoas para que os roubem, pois uma fortuna em pedras pode caber dentro de uma caixa de fósforos. Na Costa do Diamante, pessoas já traíram, mentiram, enganaram e mataram para obtê-los. Hoje, 240 homens e mulheres armados (os chamados DDs ou detetives de diamantes) travam uma batalha sem fim para tentar deter os que pensam em roubá-los.

Cerca de 400 câmeras monitorizam a Zona Proibida. Na sala de controle, vi uma câmera dar um *close*



num operário até que suas mãos tomaram toda a tela. Operadores foram treinados para detectar sinais corporais suspeitos, como homens se voltando de costas ou esfregando as mãos devagar enquanto olham atentamente à sua volta. Estão sempre alerta contra qualquer tipo de truque. Apenas uma semana antes de minha visita, um caminhão de manutenção fora estacionado de propósito para impedir que a câmera focalizasse certos homens que manuseavam alguns diamantes. Eles não perceberam que havia uma segunda câmera observando-os de outra direção.

Os observadores, por sua vez, são monitorizados por câmeras, de forma a garantir que não tenham recebido dinheiro para fazer vista gros-

Fortuna Bruta- Mesmo não lapidados, os diamantes encantam os que visitam a Zona Proibida.

sa. E, de um posto secreto, os observadores dos observadores também são vigiados.

Todas as maneiras possíveis de roubar diamantes já foram tentadas. Tiene Nel, segurança de 44 anos, estava certo dia em seu escritório perto do portão de entrada quando viu um pombo agir de modo estranho. O pássaro tinha voado até o telhado da garagem, do lado de fora, parecendo extremamente cansado. Quando Nel subiu ao telhado para tentar agarrá-lo, o pássaro voou e, alguns metros adiante, pousou em outro telhado, sempre parecendo cansado. Os DDs

começaram a caçá-lo e viram quando ele desceu no telhado de uma casa em Oranjemund, desaparecendo em seguida por um alçapão. Entrando, encontraram o pombo num sótão e viram que ele trazia amarrado às costas um pequeno saco contendo 63 pedras preciosas.

Uma das histórias mais estranhas é a de dois ladrões que conseguiram atravessar as cercas, mas se perderam em meio ao nevoeiro. Os DDs começaram a caçá-los, no entanto perderam a trilha, e acabaram também perdidos. No dia seguinte, a mais de 50 quilômetros de distância, outros detetives – que procuravam num jipe os ladrões e também os detetives perdidos – viram de repente os fugitivos surgirem do chão. Eles se tinham enterrado na areia, mas ao ouvirem o ruído do motor do veículo ficaram com medo de ser atropelados.

– Se você perder uma lente de contato aqui, nós a encontramos – disse Ashipali.

E apontou para uma grande câmera de vídeo sobre um tripé, a 200 metros de distância:

– Faça o que você quiser, mas não apanhe nada do chão. Os detetives de diamantes estão observando cada movimento seu. Se você fizer um gesto inesperado, eles mandam um esquadrão para cá.

Todas as pessoas que saem da mina são radiografadas dos pés à cabeça. Nos raios X, os diamantes são representados por manchas escuras. Já foram encontradas pedras em pinéis de barba, curativos e chaveiros.

Já houve também quem engolisse as pedras ou as enfiasse no corpo dentro de preservativos. Um contrabandista foi descoberto quando o professor de seu filho escondeu contas de vidro num buraco de areia para ensinar sobre mineração. “Essas pedras não são diamantes!”, zombou o menino. “Eu sei, porque papai traz diamantes de verdade para casa a toda hora.”

O garimpo

O CASCALHO RETIRADO do leito de pedra passa por uma série de trituradores barulhentos, peneiras vibratórias e tambores giratórios. Cerca de 99,7% do material é rapidamente descartado por ser grande demais, pequeno demais ou leve demais para ser diamante. A pequena fração remanescente, chamada de superconcentrado, é selada em imensos caminhões – que mais parecem tanques de guerra – e transportada para a usina central de recuperação.

Ali, por trás das espirais de arame afiado e sob a mira das câmeras, poderosos ímãs removem tudo o que for magnético. O que resta é então colocado sob um feixe de raios X, no qual os diamantes e algumas outras partículas cintilam como se fossem luzes de discoteca. Lentes ópticas detectam esse brilho e disparam o mecanismo que lança um jato de ar no momento exato, de forma a dividir as partículas em lotes. O que resta agora é apenas um pouco mais de um quilo e meio do total de cem toneladas.

Depois de passar por três portas com sistema de trancas conectadas, através de paredes de quase meio metro de espessura, cheguei ao esconderijo silencioso e escuro da sala de seleção. Ali, vigiadas por três agentes de segurança, nove mulheres, usando vistoso uniforme vermelho e preto, parecido com o das aeromoças – mas com todos os bolsos costurados –, estavam debruçadas sobre caixas de vidro iluminadas.

Em cada caixa, uma fina camada de minério superconcentrado estava espalhada sobre uma bandeja vibratória. De cada mil ou 2 mil pedras, uma cintilava contra a luz halógena, sendo rapidamente apanhada com pinças e colocada dentro de uma caixa.

– Os diamantes piscam para nós, como se fossem seres vivos – diz Hennie Kruger, o encarregado.

Ao fim desse dia, o resultado é depositado, sob luzes, atrás de um vidro reforçado: uma tigela rasa cheia de pedras brilhantes, mais ou menos do tamanho de um prato não muito cheio de cereais – 2.400 quilates de diamantes de qualidade, que valem mais de 750 mil dólares.

Ao sair fui radiografado e um técnico examinou minha máquina fotográfica. Dois DDs apalparam as costuras de minha bolsa e examinaram-me as unhas.

– O senhor gostou da visita? – perguntou-me um deles.

Conversamos um pouco, mas ele não parecia prestar atenção ao que eu dizia. Na verdade, estava olhando dentro de minha boca, para se certificar de que eu falava direito e de que não tinha escondido pedras preciosas sob a língua.

CHEGANDO A LONDRES, voltei ao vendedor que me havia mostrado o faiscante diamante. Depois de semanas de paciente trabalho de lapidação e polimento, feito pelos lapidários, dois terços da pedra desapareceram. O que restou parece ter aprisionado e concentrado toda a luz do sol, o mar e as ondas da Costa do Diamante. Quanto valeria aquela pedra de 11,9 quilates?

– Cinquenta mil dólares o quilate... ou mais – responde o vendedor. – Mas se alguma senhora rica se apaixonar por ele, quem poderá saber?

PROTESTO A CARÁTER



Na faculdade, um professor escrevia no quadro-negro com letras muito pequenas. Apesar dos protestos, a situação não melhorava. Por fim, a turma resolveu tornar a reclamação mais explícita. Dias depois, quando o professor começou a escrever no quadro, todos menos um pegaram seus binóculos. A exceção: um astrônomo, que levou o telescópio.

—ADRIAN CHAPMAN, *Grã-Bretanha*